

D'A ESPÍRITA E DE **ENCONSTANDO NO BARRANCO**PARA CÂNDIDA APRECIAÇÃO

Marcelo Moreschi¹

RESUMO: Breve relato das intervenções A Espírita do Ocidente em busca de nova morada e

Encostando no barranco, do Grupo de Estudos da Deriva

PALAVRAS-CHAVE: Antonio Candido; arte da performance; teoria literária

ON A ESPÍRITA AND ENCOSTANDO NO BARRANCO FOR CANDID APPRAISAL

ABSTRACT: A short narrative account of A Espírita do Ocidente em busca de nova morada and

Encostando no barranco, two artistic actions by Grupo de Estudos da Deriva

KEYWORDS: Antonio Candido; performance art; literary theory



Certificado de participação de A Espírita do ocidente em busca de uma nova morada

¹ Professor adjunto do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), campus Guarulhos. Coordenador do Grupo de Estudos da Deriva. email: marcelo.moreschi@unifesp.br

Hypotheses fingo, dirai-je naïvement. Ce qu'il y a de dangereux dans les sciences, ce ne sont pas les conjectures serrées de près, logiquement suivies jusqu'aux dernières profondeurs ou aux derniers précipices ; ce sont les fantômes d'idées à l'état flottant dans l'esprit. Le point de vue sociologique universel me semble être un de ces spectres qui hantent le cerveau de nos contemporains spéculatifs. Voyons dès l'abord où il doit nous mener. Soyons outranciers au risque de passer pour extravagants. En cette matière spécialement, la crainte du ridicule serait le plus antiphilosophique des sentiments

https://vimeo.com/273205487

I.

Talvez eu devesse começar do começo, mas vou começar do fim, ou quase do fim. No último dia de intervenção, o Espírito do Ocidente, enraivecido, interrompeu a *Cena da conformação* e suas três ações simultâneas: na primeira delas, eu lia, por horas a fio, o texto da *Formação da literatura brasileira* de trás para frente e embaralhado para uma samambaia; na segunda, um aluno escrevia os versículos 2 e 3, do capítulo 12 de *Gênesis*, em latim, nos vidros do aquário: "Farei de ti uma grande nação; eu te abençoarei e exaltarei o teu nome e tu serás uma fonte de bênçãos. Abençoarei aqueles que te abençoarem, e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem. Todas as famílias da terra serão benditas em ti"; por fim, na terceira ação simultânea, uma aluna tentava botar as ideias fora do lugar (bolinhas de isopor) no lugar (um tabuleiro de Galton, ábaco para demonstrar o desvio padrão e símbolo do Grupo de Estudos da Deriva).

Era o segundo dia em que aquelas ações eram realizadas com insistência e em horários intermitentes para evocar e atrair o Espírito do Ocidente, então em missão expansionista naquele campus da periferia da grande São Paulo. E eis que, no final do terceiro dia de evocação, o Espírito ele-mesmo surgiu. Zangado e em forma de Antonio Candido (para demonstrá-lo cobria seu rosto com a mesma foto do crítico usada no cartaz do evento que começaria no dia seguinte), o Espírito chegou nos desafiando e tentou interromper as ações simultâneas realizadas para o invocar — mal sabia ele que fora atraído para seu exorcismo-sublação, ao qual logo demos início. No escuro, fizemos o sinal do sistema literário †Δ† e conduzimos o Espírito para o centro do triângulo, e o despimos, o travestimos e o carimbamos com o símbolo da Deriva. Enfiamos um galho de samambaia em sua boca, e ele se transformou na Espírita do Ocidente e saiu do aquário para iniciar a última ação da intervenção, ação chamada *Ascenção da Espírita rumo à democracia sociossimbólica com vista para a quebrada*.

A entidade travestida saiu em disparada aterrorizando o campus, enquanto que nós conduzíamos o público, já devidamente identificado com crachás, pelo caminho da Espírita. No trajeto, perguntávamos aos passantes onde estavam os livros de vidro. Ao final da travessia do prédio de salas de aula, chegamos todos ao lugar da ascese. Do alto

de uma das escadarias envidraçadas do prédio novo, tendo a paisagem do Bairro dos Pimentas ao fundo e encarando o público por um espelho, a Espírita oralizou um poema (chamado "nos crachás" e dedicado a Maria Rita Kehl), que foi repetido em jogral por todos nós: "onde estão os livros de vidro? / os livros que nunca foram escritos? / os que nunca serão escritos? / os francamente imaginários / que ninguém lê – livros / perdidos que não cabem nos livros / livros óticos".

A seguir, a Espírita quebrou o espelho e desapareceu. Logo após seu desaparecimento, fui chamado por um colega da USP de "o professor fascista da Unifesp", apenas porque pedi, ainda que de modo pouco convencional, o alargamento do campo de visão e pelo menos um pouco de autorreflexividade.



As ações simultâneas da *Cena da conformação*; exorcismo e travestimento do Espírito; a Espírita aterrorizando o campus; a Espírita momentos antes de ascender ao céu dos Pimentas. Imagens: Igor Labuta e Rodrigo Cerqueira.

II.

$\dagger \Delta \dagger$

modesta visão das coisas e do semelhante desta maneira, ganhando o direito de universais valores exprimir local a realidade com e, qual os brasileiros tomaram para da encerrar este livro consciência da sua os existência espiritual social através vário modo e de, combinando literatura sua a, júbilo, seu o dor, sonho, seu a sua onde se procurou significado histórico. elas são adequadas, portanto, Estas palavras Romantismo o que do meio por processo o descrever justamente de ponto exprimem o

adquiriu do seu romântica crítica da maturidade; espiritual a real consciência linguísticos. preconceitos sua a definir para contribuindo civilizado, país como formação nossa da marcha através da descrição da sua realidade humana, numa linguagem liberta das estreitezas da herança dos própria fisionomia libertando-nos lusitana. a literatura acompanha a cidades, Assim, assinalada pelo contato vitalizador com os povos líderes da civilização, que compreende dois aspectos: vida tradicional das zonas contato marcada rurais e vida pelo Colônia, grande das entre português e índio; a sociedade contemporânea, momentos da nossa evolução social: a vida do primitivo; classificando três modalidades a formação histórica da escritor brasileiro, de temas que correspondam a três Neste sentido, Alencar

[...]

Ocidente, procurando uma nova morada nesta parte do mundo. Neste caso, o espírito do a inteligência e o sentimento das aventuras do espírito. com Lidas anima experiência compensação em dando, nossa na revivem discernimento, fascinados por sua beleza". olhos de A leitura produz efeito parecido em relação às obras que milhares deixado "ombros e braços haviam que polimento o dizer assim fala nos de Helena, sobre os quais se estendia por Tolstói Paz, e Guerra de altura certa A

[...]

 $\pm \Delta \pm$



$\dagger\dagger\dagger\Delta\Delta\Delta\Delta\dagger\dagger\dagger$

* Grupo de Estudos da Deriva *

convida o campus todo para testemunhar

> ações artísticas profiláticas

(aka antievento acadêmico)

† certificados de presença † † metafísica disponíveis †

† mediante subordinação † † da História à Causa †

† d'A Espírita † † e participação de corpus †

† textual presente † Δ na escolha do caminho certo Δ

 Δ rumo à saúde espiritual Δ \dagger do porvir Δ



 $\dagger\dagger\dagger\Delta\Delta\Delta\dagger\dagger\dagger$

Cartaz de divulgação da intervenção



III.

Embaralhar um texto para, em vão, desmobilizar o logos.

A Espírita do Ocidente em busca de uma nova morada, essa intervenção do Grupo de Estudos da Deriva realizada na Unifesp/Guarulhos nos dias 23 e 24 de abril de 2018, às vésperas de um evento em homenagem a Antonio Candido, teve ainda outras ações. Todos os que testemunhavam a Cena da conformação no aquário eram convidados a participar de uma ação paralela chamada Eleições demoburocráticas fraudadas. O propósito das eleições era o de escolher "o caminho certo rumo à saúde espiritual do porvir". De capuz e sem enxergar, com o som da leitura do texto embaralhado da Formação ao fundo, os votantes escolhiam entre o carimbo com o símbolo da Socioglossia de Paróquia (o triângulo do sistema literário com uma cruz) ou o da Deriva, para autenticarem os seus atestados de *méthexis*, que também eram cédulas de votação. Os votantes, porque encapuzados, não notavam que um membro da Deriva substituía, a cada votação, o carimbo da Socioglossia de Paróquia por outro da Deriva. Assim, fraudando descaradamente o pleito, o Grupo de Estudos da Deriva ganhou por unanimidade as Eleições demoburocráticas fraudadas. Logo depois de apurado o resultado das eleições, o Grupo divulgou um manifesto público em que demandava que os organizadores do cândido-evento do Parnaso-Marxismus reconhecessem que: "a) a teoria socioglóssica do Brasil literário não é lá aquelas coisas; b) o bom mocismo socioglóssico não deve ser tomado pelo seu valor de face"; e, por fim, que "c) a dialética negativa é a transformação metódica da sensibilidade em espírito de porco". Nunca obtivemos resposta.

Antes, porém, de se sagrar vencedora unânime de eleições fraudadas, a Deriva já montava coalizões e conchavos simbólicos. No primeiro dia de intervenção, a Cena da conformação foi interrompida por uma ação de longo nome, Pérolas às ruínas do lulopetismo com perturbação letrista diante da aragem coletiva das terras da alma mater para produtividade acadêmica futura. Alguns subcomandantes da Deriva, paramentados academicamente, passaram a tarde arando e capinando o pequeno gramado do campus. No pôr do sol, diante dessa cena acadêmico-agrícola, celebrou-se a união simbólica dos estudos poético-retóricos e dos estudos da vanguarda para a proteção espiritual do campus contra a missão colonizadora/encomiástica da Socioglossia de Paróquia. Maria do Socorro Fernandes de Carvalho, professora da casa e especialista em século XVII, subiu na sacada interditada do prédio do teatro e declamou para os acadêmicos aradores e capinadores a proposição das Geórgicas, de Virgílio, na tradução de Antônio Feliciano de Castilho. Enquanto isso, um aluno e eu perturbávamos o máximo possível a leitura: além de fazer muita microfonia, eu sublinhava e satirizava certas passagens rebuscadas ou mesmo engraçadas da tradução de Castilho ("caônia glande em grada espiga", por exemplo) ao mesmo tempo em que elas eram lidas, e o aluno oralizava contínua e insistentemente um poema sonoro de Isidore Isou, o mesmo poema, aliás, que abre Urros para Sade, o filme sem imagens de Guy Debord que costumamos dublar ao vivo com megafones.

Por fim, resta dizer que houve ainda mais ações naqueles dois dias agitados, mas só vou relatar aqui mais uma, justamente a mais polêmica: trata-se da *Sala obscena*, que

ocorreu em um dos banheiros da universidade, local que não foi divulgado e que o público deveria encontrar por conta própria, perambulando à deriva pelo campus. Mas encontrar a *Sala obscena* não era garantia de entrada nela. Na frente do banheiro, um de nós fazia a triagem do público a partir da pontuação obtida pelas respostas a um questionário. Na parede do banheiro, projetamos em loop imagens de microscópio eletrônico mostrando colônias de *candida albicans*, o fungo agente da candidíase, em uma placa de ágar-ágar, e reproduzimos, também em loop, o áudio adulterado de uma fala de Antonio Candido. Vinícius Fernandes, artista colaborador do Grupo de Estudos da Deriva, aplicou ao áudio da fala a técnica desenvolvida por William Burroughs chamada *language removal services*, que consiste em retirar todas (ou quase todas) as palavras articuladas de um discurso proferido por alguma autoridade, deixando audíveis apenas os ruídos, as pausas, as interjeições, as respirações e as hesitações do orador. O que soava era um estertor.



Cena da conformação; Eleições demoburocráticas fraudadas; Pérolas às ruínas do lulopetismo com perturbação letrista diante da aragem coletiva das terras da alma mater para produtividade acadêmica futura. Imagens: Igor Labuta e Rodrigo Cerqueira



IV.

Apesar de ter desparecido quando ascendeu aos céus da democracia sociossimbólica, a Espírita reapareceu in absentia em um epílogo temporão da Espírita do ocidente em busca da nova morada, a intervenção Encostando no barranco, perturbação na Ocupação Antonio Candido, no Itaú Cultural da Avenida Paulista, em 9 de julho daquele mesmo ano. A intervenção foi anunciada nas redes sociais com material iconográfico adulterado da revolta paulista de 1932.

Fizemos 500 panfletos para distribuir aos visitantes da exposição naquele feriado tão simbólico. No verso deles, foi impresso um dos muitos trechos francamente constrangedores de *Parceiros do Rio Bonito*, texto que, junto com o ensaio "O direito à literatura", formava a base conceitual e temática da exposição celebratória (ou seja, dois dos textos mais problemáticos do homenageado — é sintomático que o encômio seja feito com o pior do defunto celebrado). No trecho, Candido, explicando a origem da expressão "encostando no barranco", avalia as práticas zoofílicas da juventude masculina de Rio Bonito, julgando-as favoravelmente como forma de prevenção do onanismo e de práticas homossexuais desviantes e urbanas. Sim, para o cândido-mestre, antes carneirinha do que *viado*².

² No trecho, pode se notar claramente que Candido, como cientista social, é crítico literário, e de tipo judicativo, e narra as etapas da formação da sexualidade - e suas manifestações literárias (apenas desviantes se não evoluírem para uma heteronormatividade adulta; nesse caso então, são momentos decisivos até o "ato normal do sexo"; e o corpo assim segue a lógica do Espírito): "Desde pequenos os filhos acompanham os pais, familiarizando-se de maneira informal com a experiência destes (...). (...) A educação sexual é igualmente espontânea. Como Dáfnis e Cloe, meninos e meninas aprendem o essencial com os animais. (...) Não tenho dados positivos que permitam avaliar o papel da masturbação, mas sou levado a crer que é, se não rara, por certo incomparavelmente menos usada que nas cidades, mesmo porque o jovem caipira tem menos estímulos eróticos e despende constantemente uma soma de energia física pouco própria ao que os antigos denominavam os trabalhos de Vênus. No entanto, quando premido geralmente deseio. uma via. percorrida por todos: o coito Parece que a bestialidade radica em vínculos profundos entre homem e animal, originados nas fases em que este foi domesticado e passou a viver junto ao dono, numa proximidade física e afetiva que hoje mal podemos avaliar. O homem se atribuía não raro natureza idêntica à do animal - circunstância que deve estar ligada às manifestações totêmicas e à gênese dos mitos zoomórficos. (...) No Brasil, o erotismo zoofílico é comum nas zonas rurais, tendo sido Gilberto Freyre o primeiro a chamar sobre ele a atenção dos estudiosos, tratando da formação sexual do menino de engenho. De um ponto psicossociológico, não se pode reputá-lo anormalidade. Nas fazendas e sítios, a iniciação à vida do sexo dá-se muitas vezes com animais, sendo que as novilhas, eguinhas e carneiras fixam de preferência o erotismo infantil e juvenil. A expressão eufêmica "encostar no barranco", referente ao ato sexual em geral, deriva de tais práticas e revela a sua generalidade. Na área estudada elas são correntes, e como nem todos possuem gado de porte, os meninos e os jovens utilizam também as cabras, porcas e galinhas, mais acessíveis pela criação doméstica. Pode-se dizer que isto equivale à "masturbação compensadora" (Forel), corrente nas cidades, sendo, como ela, etapa transitória de iniciação, superada sem dificuldade aos primeiros contatos com mulher, que se estabelecem cedo devido ao casamento precoce. Num e noutro caso, apenas a incorporação definitiva aos hábitos sexuais do adulto poderia ser considerada desvio; e tudo bem pesado, a prática rural talvez seja menos nociva que a urbana, pois repousa menos na imaginação. Proporcionando ao adolescente um certo contato direto com a realidade, ela diminui o perigo de inibições e desvios, que podem desenvolver-se em relação ao ato normal do sexo." (SP: Livraria Duas Cidades, 1971; pp. 249-252). Agradeço a Anita Moraes pela indicação do trecho.

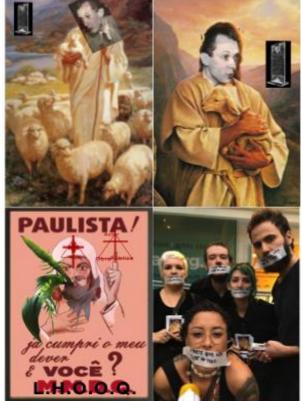
Na frente dos panfletos, que tinham formato de santinho e que foram distribuídos por algumas horas ao público da exposição, imprimimos uma imagem de Candido como Nosso Senhor Jesus Pastor, rodeado de carneiras e ovelhas. Para não sermos confundidos com protestos de tipo MBL, então frequentes, não fizemos barulho algum durante a intervenção. Na verdade, cobrimos nossas bocas com fita adesiva onde se podia ler "a parte que não cabe no todo". Também levamos megafones, apenas para não os usar.

O fim da ação foi anunciado em uma postagem: uma imagem de nosso atestado de *méthexis* com a legenda: "aqui estivemos e demandamos, do departamento de marketing da banca e do tardofuturismo bandeirante desejante de Estado, mais inteligência na necrofilia". Mais uma vez, nunca obtivemos resposta.

"I..."] A expressão eufémica "encostar no barranco", referente ao ato sexual um geral, duriva de tais práticas e revela a sua generalidade ("erotismo coofficio") [...] Pode-se dicer que isto equivale à "masturbação compensadora" (Forel), corrente nas cidades, sendo, como ela, etapa transitória de iniciação, superada sem difficuldade aos primeiros contatos com mulhar, que se estabelecem cedo devido ao cosamento precoce. Num e noutro caso, apenas a incorporação definitiva aos hábitos sexuais do adulto poderia ser considerada desvío; e tudo bem pesado, a prática rural tolives seja menos metro que a urbana, pois repousa menos na imaginação. Proporcionando ao adolescente um certo contato direto com a realidade, ela diminui o perigo de initições e desvios, que podem



Antonio Candido, Parceiros do Rio Bonito



Material usado em Encostando no barranco; lacração na entrada da exposição



٧.

É importante dizer que, como é o caso de qualquer outro gesto iconoclasta, há iconofilia nessas intervenções. Mais do que isso, há mesmo uma pedagogia subjacente, material em questão. Essas atividades antiacadêmicas inescapavelmente acadêmicas, de cunho formativo, e tiveram participação ativa de alunos em sua concepção, produção e realização³. Foi um modo inusual de entrar em contato com conteúdos e questões diversas, dentre eles, além evidentemente da obra de Candido: a) matrizes dadaístas, letristas, situacionistas e flaviodecarvalhianas que orientaram a elaboração das intervenções; b) as questões teóricas, críticas e historiográficas relacionadas às ações ou referidas por elas; e, por fim, c) aspectos particulares da doxologia candidiana e da cordialidade das letras acadêmicas brasileiras que as intervenções procuraram explicitar, estranhar, criticar e satirizar, dramatizando em ações (no espírito de "você quer que faça um desenho?") as dificuldades na instauração de uma reflexão menos caudatária e mais crítica e inventiva a respeito da obra de Antonio Candido. Do próprio campo candidiano não vinha — e continua não vindo — aplicações acadêmicas honestas de Candido em atividades de formação. O que se via — e se vê é treinamento intensivo, programático ou desavisado, de hostes (o que é previsto, aliás, na própria teoria do sistema literário) e catequese solene na sua própria doxologia, alçada à doxa da área como um todo — ou seja, indigência criativa, intelectual, acadêmica e pedagógica. Por tudo isso, mesmo um teatrinho avant-garde de grupo escolar — poderia dizer um adorniano, e com alguma razão — acaba por impor um desafio acadêmicopedagógico difícil ao candidismo.

Resta dizer também que grande parte das ações foi criada a partir da literalização e do deslocamento objetal e performático das críticas que o Grupo e eu passamos a receber depois de anunciarmos nosso antievento acadêmico de resistência (nos primeiros anúncios, ainda não tínhamos um plano preciso de ações): toda a Cena da conformação, isto é, a leitura de trás para frente e embaralhada da Formação para uma samambaia, enquanto um castigo acadêmico acontecia, e as eleições demoburocráticas fraudadas são derivadas das acusações de que eu, justamente uma das figuras mais impopulares do campus, estaria manipulando a opinião geral do alunado sem de fato ler Candido com eles; a ação Pérolas às ruínas do lulopetismo com perturbação letrista diante da aragem coletiva das terras da alma mater para produtividade acadêmica futura deriva de acusações de anticomunitarismo, de elitismo, de hermetismo e de direitismo. Outras acões basearam-se explicitação, ainda cifrada. de que etnologocêntricos, idealistas e etapistas da teoria de Antonio Candido ou na recepção e no prestígio muitas vezes acéfalos de que goza essa teoria — prestígio e recepção desatentos aos pontos cegos teóricos e aos pendores totalizantes e até mesmo pouco progressistas, estética e politicamente, da teoria. A aposta com as intervenções foi a de

³ Para a *Espírita* o grupo era: Gabriel Ornelas, Vanessa Caspon, Julia Teltzlaff, Carol do Vale, João Pedro Cerdeira, com a participação especial dos artistas Igor Luís (como o/a Espírito/Espírita do Ocidente) e Vinícius Fernandes (criador do vídeo e do áudio da *Sala obscena*). Em *Encostando no barranco*, o grupo era: Vanessa Caspon, Gabriel Ornelas, Júlia Teltzlaff e Carol do Vale.

que o enfrentamento de uma doxologia muitas vezes não pode ou não deve se contentar apenas com formas tradicionais e previsíveis de exposição e de debate, sobretudo em circunstâncias nas quais a possibilidade de discussão crítica é vedada pelo programa oficial do encômio. Um esforço inútil, é claro, mas, ao menos foi capaz de parcialmente transformar o encômio em incômodo.



Cartaz da Espírita do Ocidente, a partir de imagem de fotoperformance de Igor Luís e Fabrício Augusto.



VI. (A sinédoque da guilda em crise, post scriptum)

Do céu dos Pimentas, a Espírita manda notícias. Desde 2018, o candidismo tem ganhado um novo fôlego na universidade brasileira em crise, em parte graças à série de eventos organizados pela familiar de Candido e pelo Comitê Universal da Celebração da Socioglossia de Paróquia, que escolheram a Unifesp como a estreia da turnê celebratória nacional acontecida naquele ano. A chegada da extrema direita brasileira ao poder e os ataques à universidade pública e à área de humanidades tiveram, como um dos efeitos, a transformação do nome Antonio Candido em uma sinédoque da área de estudos literários, de sua nobre importância social autoatribuída e de seus anseios supostamente democráticos mas nunca criticamente examinados.

Nas duas ocasiões em que este relato das ações da Espírita foi apresentado (em um simpósio no congresso da ABRALIC, em Brasília, em 2019, e em um seminário sobre Antonio Candido na Unicamp no mesmo ano), foi possível perceber o Espírito em um estranho *esprit de corps*, fundado no nome de Candido (e em-nome-dele ou no-não-dele), "o nosso Getúlio Vargas", segundo o que disseram num desses encontros. Tentar debater criticamente Candido nesses encontros equivaleria a ser insensível ao fato de "a bolsa do meu colega ter sido cortada", ou mesmo a favor dos cortes ou das diretrizes antiuniversitárias ou anti-intelectualistas do bolsonarismo, como se contra a extrema direita ficássemos limitados apenas ao nome-de-Candido. Aqui e ali, vê-se o professorado e o alunado de letras usando a expressão "direito à literatura" como numa espécie de mote para se autoelogiarem e justificarem sua existência num momento de crise. Mais recentemente, a expressão foi também usada contra o novo coronavírus. Acadêmicos da área de letras de uma universidade carioca organizaram um fórum virtual para a transmissão de conteúdos da área durante o período de isolamento social e de quarentena. O nome do grupo, ostentado com orgulho, é "direito à literatura".

É muito alarmante e ainda deve ser cuidadosamente examinado o estranho fenômeno de uma área que, mesmo se autodescrevendo democrática e progressista, recorre, em momentos de perigo existencial e de possibilidade de aniquilação, a um patriarca e ao direito etnocêntrico e classista de discriminar, ao privilégio letrado da exclusão do iletrado ou do ágrafo. Diante do fim, o que se vê é o elogio da (própria) catequese. Onde estão os livros de vidro, é o que se poderia perguntar novamente.



subcomandantes do mapeamento das picadas bandeirantes identificaram a Metafísica da Presença da Espírita nos atos da semana passada. En masse. Aproveitaram também para comentar a postagem das migas: "Melhor faixa!" E, a seguir, explicitaram o falso dilema: ou vem-trauma ou literatortura para formar o todo orgânico da consciência nacional das letras de forma. Em seguida continuaram sua campanha pela humanização do homem com agá. E mudaram o acrônimo: de MBL (Movimento Brasil Literário) para LLL (Lula Livre das Letras). Viva o fim!, hashtag



Manifestação literária da sinédoque nas redes sociais, por ocasião dos protestos contra os cortes na educação



Anexo

A Espírita do Ocidente em busca de nova morada: proposição⁴



Jornada Antonio Candido Verificação crítica da tradição

25 de abril

14h30, Abertura: Roberto Schwarz

16h, *Antonio Candido e teoria literária*: Edu Teruki Otsuka e Leandro Pasini

18h, *O memorialismo de Antonio* Candido: Laura Escorel e Rodrigo Cerqueira 26 de abril

14h, *Antonio Candido e as ciências sociais*: Leopoldo Waizbort e Rodrigo Ramassote

16h, Antonio Candido, América Latina e Filosofia: Joana Rodrigues e Silvio Rosa

18h, Encerramento: Iumna Maria Simon

UNIFESP - EFLCH

Org.: Grupo de estudos Teoria Crítica Brasileira Inscrições para certificados: phpu.unifesp.br/acad/siex



Cartaz do evento do antievento

A Espírita do ocidente em busca de nova morada surgiu da leitura semiótica e espectrológica de um cartaz. Trata-se do cartaz (na verdade, a primeira versão de um cartaz) de um evento na Unifesp em homenagem a Antonio Candido, que, em uma manhã normal de quinta-feira, surgiu reproduzido assustadoramente na minha frente na tela do computador. Na imagem, vê-se, no lado esquerdo, o cândido-mestre numa dimensão agigantada relativamente aos outros elementos presentes ali. Com uma feição um pouco sinistra e em plena atividade docente, Candido encara com voracidade inquietante a lista dos palestrantes, composta por parentes de sangue ou de espírito, adeptos e propagadores da Teoria Socioglóssica do Brasil Literário, o que inclui professores da casa. Todos colocados ali (voluntariamente?) como alvo da atividade pedagógica e desejante do grão-mestre, imposto em grande dimensão ao lado deles sem mediações ou anteparos. O emblema da instituição, apequenado no canto inferior e direito da imagem, parece ao mesmo tempo intimidado pela cândida-figura agigantada e pronto para ser devorado pelo patriarca das letras paulistas, em aparição e olhar cheio de sofreguidão incisiva.

O que estava escrito no cartaz não era menos alarmante. Com toda a solenidade acadêmica plasmada em sóbria tipografia serifada, anuncia-se uma irrealizável "verificação crítica da tradição". "Verificação", vocabulário de carga semântica *mezzo*

⁴ Texto divulgado em 22 de abril de 2018, um dia antes do início da intervenção *A Espírita do Ocidente em busca de nova morada*.

positivista *mezzo* caudatária, talvez não combine muito bem com "crítica", sobretudo diante da impossibilidade provável de "crítica" ser exercida por aqueles palestrantes, reconhecidamente alinhados à socioglossia e/ou devotos-continuadores da cândidateoria. Assim, a "verificação crítica da tradição" do título não poderia ser outra coisa senão o elogio do modelo teórico a que se submetem os palestrantes do evento, congregados então para transformar a própria socioglossia candidiana em uma "tradição" e impô-la à instituição visualmente diminuída. Seria mais honesto — pensei eu na hora — se o evento assumisse o que de fato ele parece ser e fosse intitulado "homenagem a Antonio Candido por seus continuadores que tentam agora instalar a teoria do grão-mestre de modo sistemático em uma nova instituição nova".

O cartaz, lido assim de forma espontânea e fantasmagórica imediatamente após sua aparição, registra então uma cena catequética e colonizatória (o que é amparado pelos pressupostos eurologocêntricos e missionários da Teoria Socioglóssica) e articula visualmente uma cooptação institucional com o aval e ajuda voluntariosa dos professores da casa. Não bastasse o estrago já feito nas instituições universitárias paulistas tradicionais nas quais se instalou a socioglossia do nacional literário — notei eu — parece estar ou já instalada ou em vias de ser instalada também na Unifesp, que, no âmbito dos Estudos Literários, até o momento pelo menos, se caracteriza justamente pela pluralidade das abordagens e interesses sem a predominância de uma teoria ou de um modelo em particular.

Nunca é demais relembrar que a Teoria Socioglóssica do Brasil Literário (Mário, Candido, Schwarz e grande parte dos supostos desvios oswaldocêntricos + diluições) teve sua formulação acadêmica convincente articulada pelo cândido-mestre num momento em que a literatura escrita em português no Brasil se tornava Literatura Brasileira e disciplina universitária ainda carente de justificativas para sua fixação institucional. Em parte, o sucesso de tal teoria decorre justamente de seu desejo de Instituição, que se manifesta sobretudo na forma pela qual faz coincidir de modo estratégico o vocabulário usado pelo crítico em atividade no interior da disciplina com um vocabulário que pode ser usado externamente à instituição para justificar a própria existência da disciplina. A demonstração da literatura como autognose, elaboração e representação do social-nacional é tanto a meta a ser alcançada pelo crítico quanto o argumento que justifica tal atividade, pois afinal assim a literatura surge como relevante para a vida nacional, mesmo em um lugar com níveis altíssimos de analfabetismo. Em outras palavras, a teoria, em si mesma, independentemente de seus voluntariosos propagandistas, já supõe, para seu funcionamento, a cooptação institucional dos lugares onde ela é exercida. Uma vez praticada institucionalmente, ela transforma o trabalho com a literatura em uma atividade pautada por um bom-mocismo cívico e comunitário, que instrumentaliza os textos literários e a arte de forma geral para uma função supostamente nobre.

A proposição da "literatura empenhada" e do "sistema literário" apenas explicita o desejo de cooptação da teoria ao propor uma classe letrada mais ou menos homogênea em ligação histórica ou comunitária em torno de uma causa comum: influenciar e registrar os destinos da nação (ou encenar a influência e o registo), elaborando-a nos ditames do Espírito, como missão civilizatória. É importante ressaltar, porém, que além da incômoda

instrumentalização da literatura e da limitação totalitária da criação e da crítica, a elaboração e investigação do social-nacional se dá também de modo alucinatório e com forte pendor metafísico. Apesar do apelo ao "sociológico", tal modelo tem muito pouco de empiria sociológica e no geral apenas compara textos (literários) com outros textos (hipóteses sobre a sociedade brasileira e sobre o papel da literatura nessa sociedade), simulando, no entanto, a mediação entre um interno e um externo ao texto quando o que de fato está sendo comparado são apenas produções de gêneros literários distintos ("literatura propriamente dita" com teoria social e discurso historiográfico). Isso fica muito claro, por exemplo, nas operações de "redução estrutural", prática de leitura alegórica ou semialegórica tão característica da socioglossia e de sua pseudosociologia das formas literárias. Curiosamente, é preciso dizer, a crítica sociológica tem muito pouco de sociologia, pois toma textos como dados extratextuais e transforma a sociologia em alicerce metafísico da investigação/reflexão. Daí que tal teoria seja descrita mais adequadamente como "socioglóssica".

O efeito da aplicação do modelo em larga escala é nefasto. A facilidade da leitura da ensaística de Candido é negativamente acalentadora, produzindo a falsa sensação da possibilidade de redução do literário, do artístico e do discurso crítico sobre eles a uma teoria que mal se apresenta como tal. O resultado prático é a formação de uma massa insossa de leitores com pouca autonomia e incapaz de elaboração teórica e hipotética própria, uma vez que o trabalho crítico tem uma tarefa (comunitária, inclusive) já estabelecida a cumprir e é reduzido à demonstração de hipóteses já formuladas e naturalizadas como se não necessitassem também de escrutínio crítico e como se não fossem elas também literatura. Tal modelo também gera leitores amedrontados que lidam muito mal com a legibilidade difícil ou não prevista de textos que, por natureza, são incapazes de confirmar o modelo. Mesmo nesses casos, não é o modelo que é questionado, mas os textos que são acusados de formalismo, esteticismo, cosmopolitismo, hermetismo etc. e, por isso, se tornam dispensáveis para a perspectiva oitocentista da "literatura nacional" e novecentista de desenvolvimentismo. Isso é particularmente notável no veto a literaturas de outras línguas ou de outros lugares e no modo pouco convincente pelo qual a socioglossia lida com as letras coloniais e com toda a produção vanguardista (apesar de essa teoria ter origem no chamado "modernismo brasileiro", que ela reificou a partir da transformação da autohistoriografia mariodeandradeana em história).

Infelizmente, os efeitos da teoria são também comportamentais, por assim dizer. A proposição do sistema literário e da literatura empenhada supõe uma classe letrada irmanada e, de fato, produz e realiza tal classe quando é adotada. É uma teoria que se resolve em sua performance. Qualquer pessoa que tenha feito pós-graduação em Literatura (e em muitos casos também graduação em Letras) no Brasil, em especial no estado de São Paulo, e que não tenha se submetido à socioglossia do nacional sabe exatamente a que me refiro. A irmandade entre os letrados adeptos da teoria é duramente defendida quando se sente ameaçada, sobretudo por meio da imposição autoritária de hagiografias de seus autores modelares e formuladores, pelo emprego constante de

argumentos ad hominem a qualquer posição heterodoxa e por todo um jogo de rumores em corredores que eventualmente alcança posições efetivas de poder nas instituições por onde circula. Na Espírita, que também foi e é alvo tanto dos rumores quanto dos desmandos, esse efeito comportamental da teoria socioglóssica é chamado de "Socioglossia de Paróquia" e de "MBL – Movimento Brasil Literário" e é simbolizado pela cruz inserida no triângulo do sistema literário. No entanto, é realmente difícil separar a teoria socioglóssica da Socioglossia de Paróquia, uma vez que uma depende da outra para validação recíproca. A teoria só se impõe como convincente porque há uma patota acrítica sempre disposta a defendê-la e disseminá-la. Por outro lado, o sistema literário e a literatura empenhada só passam a existir de fato para além da ficção crítica quando há gente disposta a realizá-los e a imaginar-se como uma parte de uma classe letrada eleita, irmanada em heróis e causas comuns e atuando no mundo de modo a demonstrar, por meio do reconhecimento por pares de mesma configuração teórica, a relevância do próprio trabalho e do próprio emprego como desenvolvimento evolutivo do Espírito. Ou quando as pessoas querem apenas terminar teses e dissertações sem muita chateação. Seja como for, é curioso que tal classe não inclua um presidente não eleito, poeta e amante de mesóclises.

Não é preciso dizer que as possibilidades de debate acadêmico efetivo ficam dessa forma severamente limitadas. A incapacidade de desnaturalização dos próprios pressupostos amplamente ostentada com orgulho pelos adeptos da socioglossia dificulta o debate mas não por torná-lo complexo. Qualquer tentativa de restaurar a possibilidade de crítica é maquinalmente tomada como ataque movido por motivos comezinhos ou obscuros. Como imaginam também monopolizar a pauta (pouco) progressista de uma esquerda universitária cada vez mais aburguesada mental e comportamentalmente e como se vislumbram sempre do lado certo da história, os ortodoxos também acusam os heterodoxos de reacionarismo. Quando não conseguem diminuir os adversários por essas estratégias baixas, dizem que seus oponentes são iconoclastas irresponsáveis que estariam jogando o bebê fora juntamente com a água (nunca me explicaram muito bem o que é o bebê e o que é a água) e perguntam, explicitando a necessidade de um patriarca e de monoteísmo teórico normativo, o que seus críticos querem botar no lugar daquilo que está sendo criticado, sem questionar que lugar seria esse afinal.

Já deve estar claro porque aquela imagem que surgiu para mim inesperadamente como assombração numa manhã qualquer me assustou tanto e ainda nem mencionei certas posições ideológicas e pressupostos antropológicos francamente constrangedores dos formuladores da socioglossia (o fascismo de Mário está lá para quem estiver disposto a ler; o elitismo, o eurologocentrismo brutal e a antropologia evolucionista do cândidomestre estão espalhados em toda a obra, mas são particularmente incômodos e salientes em textos tais como *Parceiros do Rio Bonito* e "O direito à literatura", e certamente entram em contradição com sua louvada atuação política; enquanto que no resto, tudo está lá igual, mas disfarçado por vezes em adornos dialéticos e transcendido em ranço adorniano). Por tudo isso, enfim, fiquei muito incomodado com o cartaz do evento passadista do parnaso-Marxismus. E fiquei me perguntando para que e por que docentes

da casa desejam se curvar diante de tal figura e implementar de forma organizada um satélite da teoria socioglóssica na instituição. Imaginei que numa instituição nova, ainda sem muitos vícios teóricos e felizmente sem patriarcas, seria mais interessante transformar essa teoria em objeto de escrutínio e transformar o desejo caudatário em formulação de novas teorias. Mas o que aparece, ao contrário, é a vontade do emprego sistemático de tal teoria na formação de leitores de literatura e de crítica, o que de fato encontra certa ressonância nos alunos, tranquilizados então pelo programa formativo mais ou menos definido que domestica o literário, pela possibilidade de não pensar por conta própria e de ser parte de um séquito organizado e receber louros acadêmicos por fazer parte dele. A ideia de homenagem a um grande escritor me parece totalmente válida se assumida enquanto tal, ainda que nessas circunstâncias o pior da vida acadêmica (por exemplo, a pompa, a solenidade e a lambeção de botas) é incentivado. Mas o que parece estar em curso é algo muito mais deletério.

Sabendo assim que a possibilidade de discussão acadêmica e pública efetiva estava de antemão vedada e que a "crítica" do título do evento era apenas ornamental, pensei em formas não tradicionais de reinstaurar possibilidades de crítica, de dissenso e de não-compactuação que fossem também educativas e que eventualmente realizassem reorganizações teórico-gestálticas em quem estivesse disposto a pensar. Como se trata também de defender a arte e a literatura da sua instrumentalização socioglóssica, a melhor resposta crítica, pensei eu, só poderia ser literária e artística, e particularmente a partir de literatura e de arte de corte dadaísta, letrista, situacionista e flaviodecarvalhiano pois o que se pretende é justamente perturbar uma situação; profanar, dessacralizar (no sentido de restituir ao uso comum e secular) e ridicularizar o poder simbólico ou real; exacerbar as tensões afetivas relacionadas e explicitar de modo violento as posições de força; e, por fim, transformar o roteiro já estabelecido (de sujeição mental e institucional), abri-lo e desmontá-lo de modo a permitir a deriva, a vida, a inovação e o trajeto imprevisível.

E assim surgiu *A Espírita*, um antievento acadêmico de propósito profilático no qual a sátira e a iconoclastia são imaginadas como *pharmakon* capaz de imunizar o campus e fortalecê-lo antes da tomada de poder simbólico por parte da socioglossia. Num primeiro momento, *A Espírita* se fez por meio de uma intensa guerrilha eletrônica. Vários textos (verbais e visuais), que ora satirizam de forma mordaz o evento oficial ora teatralizam uma iconoclastia intransigente e infantil, foram produzidos e distribuídos de forma diversa, insinuando todos uma espécie de apocalipse acadêmico violento e iminente. Os textos pretendiam também incomodar estilística e formalmente como se fossem contraexemplos dos objetos da socioglossia; assim, eles estão carregados de densidade conceitual, de maneirismos diversos e de muito solipsismo estetizante.

Num segundo momento, já com a contribuição de alunos independentes, inquietos e inteligentes (incomodados também com a solenidade e com assujeitamento previstos no evento oficial), *A Espírita* se fará, a partir de amanhã, por meio de ações artísticas (predominantemente performáticas e cênicas) espalhadas pelo campus. Elas foram pensadas para: a) realizar a dessacralização do homenageado e a ridicularização satírica de seus seguidores; b) literalizar certas posições socioglóssicas de modo a tornar



visível a arbitrariedade e mesmo o *nonsense* de certas formulações; c) promover a apropriação espacial e afetiva do campus, como se a exploração psicogeográfica do espaço fosse capaz de impedir o avanço da missão catequética sobre ele; e, por fim, d) apelar ao artístico e ao literário como forma de benzimento espiritual pagão contra o monoteísmo teórico que se quer impor.

Como era esperado, *A Espírita* tem sido muito pouco compreendida, o que, afinal, é bom sinal, já que a incompreensão e ilegibilidade nesse contexto é uma forma de resistência frente à clareza esclarecedora da socioglossia domesticadora de textos. Entretanto, *A Espírita* acabou relevando também aspectos inesperados da psicologia do professorado⁵. A descrição pormenorizada e a crítica desses aspectos revelados não caberiam aqui, mas em outro antievento — agora sem evento, um evento puramente negativo sem o equivalente positivo. Talvez não seria o caso de outro evento jocoso e satírico, mas de pura lamentação pesarosa.

⁵ O anúncio da intervenção causou forte comoção institucional e departamental. Sobretudo porque previa que as acões acontecessem ao mesmo tempo do evento-homenagem. Sob ameaca de eventual proibição e sob risco de um grande tumulto institucional, a data da ação foi mudada para os dois dias anteriores ao evento candidiano (cujos participantes, assim, infelizmente não puderam participar das eleições de corpus textual presente na escolha do caminho certo rumo à saúde espiritual do porvir), o que produziu uma curiosa lógica segundo a qual o antievento antecede o evento. Mesmo com a mudança de data, a comoção institucional não diminuiu. Todo tipo de boato foi espalhado pelo campus para tentar desprestigiar, evitar ou mesmo proibir a ação. Segundo os boatos, eu iria impedir o evento candidiano puxando violentamente o microfone dos palestrantes e encheria a universidade de pessoas nuas, sobretudo de alunos nus. Dizer que nudez não estava nos nossos planos não adiantava, e a situação chegou a um ponto em que fui chamado à diretoria do campus para dar explicações sobre os temíveis alunos nus que nunca estiverem nos planos. Um MBL estava com medo do outro MBL, ambos moralistas e escandalizáveis com nudez ou mesmo com a mera possibilidade de nudez "numa instituição pública de ensino". Um colega evangélico me perguntou se eu me responsabilizaria se, após a intervenção, que afinal não teve nudez, os alunos passassem a andar nus pelo campus ou a tirar a roupa para protestar contra reprovações e notas baixas. O corpo, afinal, é problema para o Espírito, e há cada vez mais puretas, dentro e fora do campus. "Nós oferecemos a formação, vocês oferecem a deriva; mas essas pessoas já estão à deriva", me disse um outro colega, querido apesar de tudo, não percebendo que há duas derivas na sua fala, que não são equivalentes de forma alguma; e relegando para "essas pessoas" o moto extra Ecclesiam nulla salus.



Emblema do Grupo de Estudos da Deriva

Referências bibliográficas

CANDIDO, Antonio. Parceiros do Rio Bonito. SP: Livraria Duas Cidades, 1971

Recebido em: 04/04/2020 **Aceito em:** 04/04/2020

Referência eletrônica: MORESCHI, Marcelo. D'*A Espírita* e de *Enconstando No Barranco* para cândida apreciação. *Criação & Crítica*, n. 26, p., jun. 2020. Disponível em: http://revistas.usp.br/criacaoecritica. Acesso em: dd mmm. aaaa.